

# Formação continuada: representações e discursos para a construção e desconstrução do papel e da prática docentes

Isis da Costa Pinho

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo (Org.). *A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

O livro *A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão*, organizado por Maria Cecília Camargo Magalhães, reúne textos que discutem a formação contínua de professores e a relevância do fomento do processo crítico-reflexivo para a constituição de educadores conscientes de seu papel e prática e autônomos quanto às suas decisões.

Com base no quadro teórico da pesquisa sociocultural-histórica de cunho colaborativo, são enfocadas questões relativas às ações docentes, como a heterogeneidade e imprevisibilidade em sala de aula, e a linguagem e interação reflexiva que revelam representações e discursos para a construção e desconstrução do próprio papel e prática.

Magalhães estrutura o livro em três partes: 1) Aprendizagem e reflexão; 2) Linguagem e reflexão; e, 3) Práticas de formação de educadores: possibilidades para a constituição de profissionais críticos.

A primeira parte conta com os textos de Joel Martins, "Psicologia da aprendizagem: uma abordagem fenomenológica", e de Maria Antonieta Alba Celani, "Culturas de aprendizagem: risco, incerteza e educação", que apontam para uma abordagem do aprendizado enquanto fenômeno a partir de contextos de descrição e avaliação de situações de aprendizagem e dos desafios de lidar com as incertezas e diferenças que a pós-modernidade impõe à educação. Esses autores abordam, de forma ampla, o contexto de formação de professores a partir de questões centrais para a pesquisa da aprendizagem.

Destaca-se o artigo de Celani, que discute como a quebra de certezas absolutas e paradigmas na pós-modernidade desafiam a educação a transformar os seus hábitos,

crenças e comportamentos institucionalizados para se adaptar à presença da imprevisibilidade e multiplicidade de caminhos a seguir. Deve haver a passagem de uma cultura da certeza para uma cultura da incerteza e da criatividade, em que a escola dialogue com as diferenças, as identidades e incertezas presentes em sala de aula, fomentando a autonomia e a participação crítica e responsável dos alunos.

Na segunda parte do livro, Maria Cecília Camargo Magalhães – “A linguagem na formação de professores reflexivos e críticos” –, e Fernanda Coelho Liberali – “As linguagens das reflexões” – defendem a importância da promoção da reflexão crítica em contexto de formação contínua de professores. Baseadas na pesquisa sociocultural-histórica, elas destacam o uso da linguagem para a análise e construção de contextos em que professores são chamados a questionar e refletir sobre o seu papel e a sua prática, buscando a sua re-elaboração.

Magalhães foca a importância da linguagem no desenvolvimento de profissionais críticos capazes de relacionar teoria de ensino-aprendizagem e prática de sala de aula para a re-elaboração de sua atuação. A autora considera que atividades como observação de aulas, diário, sessões reflexivas e discussões de avaliação oferecem aos educadores espaço para, por meio da linguagem, analisar escolhas, objetivos, questões políticas de poder e de construção de identidade para a colaboração em sala de aula.

Liberali, por sua vez, defende a promoção de uma reflexão “emancipatória” e propõe uma descrição linguístico-discursiva de diários escritos como base para o ensino da reflexão. Assim, sugere pontos relevantes a serem considerados para a análise e o ensino do processo de reflexão na atividade “diário”.

156

A terceira parte do livro apresenta textos que partem de uma pesquisa colaborativa entre pesquisador e pesquisados para investigar o processo da ação reflexiva em interações orais (entre formador ou coordenador e professor), focando as representações e as características linguístico-discursivas do processo de negociação da construção de significados.

O trabalho apresentado por Alice Yoko Horikawa, “Interação pesquisador-professor: por uma relação colaborativa”, examina as representações e o processo de aprendizagem que um professor de matemática de uma escola pública revela em seus discursos, em contexto de sessão reflexiva e em contexto de sala de aula, e em que medida as intervenções da pesquisadora-autora contribuem para a autorreflexão do professor.

No texto “A linguagem e a reconstrução da ação docente: um estudo com professoras de inglês de um curso de Letras”, Solange Castro analisa o processo de investigação, avaliação e transformação das ações de duas professoras de inglês a partir de sessões reflexivas, e discute como a pesquisadora-formadora pode, por meio de escolhas discursivas, fomentar um diálogo colaborativo para a autocompreensão e questionamento da prática em sessões reflexivas.

Fernanda Moreno Cardoso, em “Hibridização e mediação semiótica na sala de aula”, trata das diferentes representações de ensino-aprendizagem que embasam as práticas pedagógicas de dois professores de ciências do Ensino Fundamental, e observa que, nas aulas de “chamada oral”, se professor dialogou com as linguagens sociais dos alunos, a mediação semiótica gerou maior negociação, apropriação e construção de significado.

A partir da necessidade de auxiliar os formadores na sua tarefa de interagir colaborativamente para o desenvolvimento da auto-reflexão de professores, Tânia Regina de S. Romero, propõe uma estrutura analítica das interações orais para a identificação do processo reflexivo com base em “Características linguísticas do processo reflexivo”.

Lília Santos Abreu, em “Contribuições da análise de um diálogo professor-coordenador para a formação de professores”, utiliza os mesmos dados que Romero e discute não apenas o papel do professor para o processo de autoquestionamento da prática, mas também o de formadores e coordenadores. Argumenta que, por exercerem grande influência na construção da subjetividade do professor, é preciso que os formadores e os coordenadores observem que papéis estão exercendo e que representações a sua prática e discursos revelam.

Os textos finais, “A formação de professores como *lócus* de construção de conhecimentos científicos”, de Anna Rachel Machado, e “A relação entre teoria e prática no desenvolvimento do professor”, de Vera Lúcia Cristóvão, mostram que contextos de formação podem ser também espaços para a construção de novos conhecimentos científicos em sua transposição para a elaboração de disciplinas e material didático. Além disso, Machado defende que a formação contínua de professores em serviço deva ser não só um espaço de seleção, análise e refinamento de conhecimentos já estabelecidos, mas, principalmente, um trabalho colaborativo de construção de novos conhecimentos científicos a serem desenvolvidos e aplicados a disciplinas específicas.

A partir da exposição e análise do livro de Magalhães, pode-se concluir que este livro se torna leitura fundamental não só para aqueles que pesquisam e participam de contextos de formação contínua de professores, mas também para os que atuam nas salas de aula e os que querem vir a atuar.

---

Isis da Costa Pinho é mestre em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista Capes e integrante do grupo de pesquisa “Teoria e Prática de Aquisição e Ensino de Língua Estrangeira”, cadastrado no CNPq.

isis.letras@yahoo.com.br